



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

WILLIANE LAMARA NUNES DE BRITO

**AFETIVIDADE E RELAÇÕES DE PARCERIAS NO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

MOSSORÓ

2017

WILLIANE LAMARA NUNES DE BRITO

**AFETIVIDADE E RELAÇÕES DE PARCERIAS NO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientador: Me. Emanuel Freitas da Silva

MOSSORÓ

2017

RESUMO

Este artigo discute questões relacionadas à afetividade sobre um olhar reflexivo de todos os conflitos que cercam o âmbito do Atendimento Educacional Especializado relacionado ao desenvolvimento e as relações de parcerias vinculadas e estabelecidas com professores, equipes multidisciplinares e familiares que através da unificação formam uma teia colaborativa e inclusiva dentro de instituições públicas. Tendo como propósito analisar as parcerias nas relações estabelecidas entre profissionais e familiares fazendo assim, uma análise sobre a ótica benéfica que a qualidade dessas relações auxilia professores da sala de aula regular, equipes pedagógicas, relações familiares e equipes multidisciplinares. Os dados bibliográficos coletados foram analisados a partir dos referenciais dos autores Lev Vygotsky (1996), Henry Wallon (1951), José Pacheco (2007), Francisco Braga (2015), Silva (2014), Bedaque (2015) que estabeleceu um diálogo bibliográfico unificando o tema em questão e suas obras. As Salas de Recursos Multifuncionais chegam para construir uma aprendizagem satisfatória, porque agem de maneira significativa e afetiva onde o professor auxilia no contato e no bem estar do educando resgatando assim sua autoestima, motivação e credibilidade no ato de aprender, tornando assim mais capazes e participativos. Os educadores especiais em atuação ou orientação devem estar comprometidos com seu fazer pedagógico.

PALAVRAS-CHAVES: PARCERIA; AFETIVIDADE; APRENDIZAGEM.

ABSTRACT

This article discusses questions related to affectivity about a reflective look at all the conflicts that surround the scope of specialized educational care related to the development and the relationships of related and established partnerships with teachers, multidisciplinary teams and family that through unification form a collaborative web and Inclusion within public institutions. The purpose of this study is to analyze the relationships established between professionals and family members, thus analyzing the beneficial perspective that the quality of these relationships helps teachers of the regular classroom, pedagogical teams, family relationships and multidisciplinary teams. The bibliographic data collected were analyzed from the authors' references Lev Vygotsky (1996), Henry Wallon (1951), José Pacheco (2007), Francisco Braga (2015), Silva (2014), Bedaque (2015) which established a bibliographic dialogue unifying the theme in question and its works. The Multifunctional Resource Rooms come to construct a satisfactory learning because they act in a meaningful and affective way where the teacher assists in the contact and well-being of the student, thus recovering their self-esteem, motivation and credibility of the same in the act of learning, thus becoming more capable and participatory. Special educators in acting or orientation must be committed to their pedagogical doing.

KEYWORDS: PARTNERSHIP; AFFECTIVITY; LEARNING.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre qual a postura e o perfil do professor de Atendimento Educacional Especializado-AEE deve tomar durante as aulas ministradas nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) se pensou em como sua afetividade o auxilia na conquista de seu alunado, que inúmeras vezes já vem com um histórico de desmotivação, exclusão e baixa autoestima por motivos dos sistemas de ensino não estarem preparados para receberem esses alunos com deficiência que necessitam de um material pedagógico diferenciado e uma atenção sistemática. O que nos levou a refletir que esse professor poderia assim desenvolver conexões de vínculos com as equipes multidisciplinares de centros de educação especial e com a família na busca que essas relações e intervenções melhorem a qualidade do atendimento oferecido ao discente e garantindo seu direito como preceitua a lei.

Diante deste contexto, vejamos:

Art.2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços e recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. (MEC, 2013 p.302).

Entendemos que profissionais comprometidos com a educação especial devem pesquisar, buscar, formar, transformar e renovar em formações continuadas tentando assim aperfeiçoar sua prática com o intuito de levar uma aprendizagem significativa durante a ministração das aulas de AEE.

Ao se discutir essa problemática se reflete que durante muitos séculos a sociedade rejeitava as pessoas com deficiência. Nos dias atuais essa visão vem se ampliando para suprir esse alunado com deficiência uma assistência que os levem a atuarem em suas vidas profissionais e pessoais com as mesmas chances de igualdade. O Parágrafo único das Diretrizes Curriculares Nacionais enfatiza que “para fins destas diretrizes, considera-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguraram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida”. (MEC, 2013, p.302).

O artigo presente vem ampliar a visão da importância da afetividade durante as intervenções pedagógicas dentro das salas de recursos multifuncionais e das relações desenvolvidas com familiares e terapeutas que acompanham alunos do AEE. Será que

esses professores de AEE tem condições de trabalho adequadas para que essas aulas aconteçam? Os professores de salas de recursos multifuncionais que ministram o Atendimento Educacional Especializados são realmente afetivos e atenciosos com esses alunos e suas famílias? Os atendimentos estão realmente suprimindo a necessidade de aprendizagem desses educandos? De que maneira a afetividade auxilia nas relações de convivência entre alunos com deficiência, seus familiares e terapeutas que acompanham esse alunado nos centros de educação especial? O professor de Atendimento Educacional Especializado deverá realmente estabelecer relações de parcerias entre familiares e equipes multidisciplinares de centros de educação especial?

Uma educação que deverá estar diferenciada, visto que seu alunado requer uma atenção especial não poderá jamais não compreender a importância da afetividade no AEE e nas relações de parcerias entre professores de SRM, equipes multidisciplinares e familiares.

A escolha do tema partiu da queixa sobre a necessidade que os professores de salas de recursos sentem em terem pesquisadores envolvidos com a temática deste artigo. A afetividade e dedicação em se trabalhar com alunos com deficiência deverá ser a ferramenta inicial que um professor envolvido com seu trabalho, justificando assim nossa instiga em pesquisar esta temática.

Cabe ressaltar que:

[...] parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...).São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo. (ENGELMANN, 1978, p. 130, 131).

Notou-se também a necessidade de se unificar conhecimentos e estabelecer trocas cooperativas entre professores e membros de equipes multidisciplinares onde se entende que a parceria causará melhoras educacionais e pessoais para o educando atendido.

Pensando também na grande necessidade da família desses discentes com deficiência em serem orientados em como proceder, direitos, organização de terapias, encaminhamentos, limites, superproteção, infantilização entre outros problemas, tornou-se inevitável criar fortes relações afetivas com a família e com as equipes multidisciplinares, não esquecendo jamais a real função da escola. A formação

continuada desses educadores é de extrema importância para o aperfeiçoamento de sua prática com o intuito de levar uma aprendizagem significativa durante seus atendimentos em salas de recursos multifuncionais.

Fazer o AEE está entrelaçado em buscar informações que possam auxiliar e levar esses mesmos envolvidos a refletirem diante de suas práticas e aperfeiçoarem seu fazer pedagógico. Observando assim, se será função deste educador ter condições de levar seus educandos a se sentirem capazes e sócio críticos, mas necessitam de capacitação adequada como pesquisas e referenciais teóricos que os auxiliem profissionalmente.

Objetivamos compreender a importância da afetividade nas aulas ministradas no Atendimento Educacional Especializado e nas relações de parcerias entre professores de salas de recursos multifuncionais, equipes multidisciplinares e familiares entendendo que essa compreensão facilitará o trabalho desse educador. Compreendendo assim, o quanto se enriquece o AEE quando se estabelece relações afetivas que fortificam uma teia de aprendizagem colaborativa.

O artigo está dividido em cinco partes: resumo, introdução que apresento um breve relato sobre o conteúdo exposto no presente trabalho, desenvolvimento que trata sobre a metodologia aplicada para a construção do artigo, bem como o resultado obtido, as considerações finais que reforçam tudo o que foi escrito e que julguei importante, enfatizando o quanto a afetividade e as relações de parcerias no AEE são significativos e por fim apresento as referências bibliográficas consultadas, as quais me deram embasamento teórico para escrever este artigo de forma precisa e coerente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O percurso metodológico iniciou-se com a delimitação do tema que enfatizava relações profissionais, Atendimento Educacional Especializado e afetividade que influenciaram a seleção de materiais bibliográficos que explorassem com qualidade este assunto.

Com o tema definido iniciou-se uma coleta de dados em biblioteca pública e virtuais à procura de dados essenciais para elaboração. Para se realizar o artigo se fez

necessário pesquisas bibliográficas qualitativa com estudo de livros, sites, revistas, entrevistas, anamnese, relatórios institucionais e estudo de caso.

Depois de realizar uma seleção e coleta de dados, estabelecemos um diálogo bibliográfico unificando o tema em questão e suas obras que enfatizavam como afetividade, relações de parcerias podem auxiliar o Atendimento Educacional Especializado.

Em seguida se realizou a localização das informações pertinentes ao tema sobre uma segmentação de leituras prévias, seletiva crítica e para finalizar interpretativa. Após a seleção dos dados foi realizado um fichamento com esquemas e resumos para localização de assuntos abordados no artigo e facilitação de localizações bibliográficas.

Os dados bibliográficos coletados foram analisados a partir dos referenciais dos autores Lev Vygotsky (1996), Henry Wallon (1951), José Pacheco (2007), Francisco Braga (2015), Silva (2014), Bedaque (2015) que iremos estabelecer um diálogo bibliográfico unificando o tema em questão e suas obras que abordam temáticas como afetividade, relações de parcerias e Atendimento Educacional Especializado usados como fundamentação teórica para elaboração do artigo.

Iniciou-se a escolha baseando-se na acessibilidade da biografia citada que nos oferecia a possibilidade de um melhor desenvolvimento da temática dentro dos prazos estipulados e nossa adaptabilidade em conhecer as obras dos autores. A coleta e seleção de dados preocuparam-se em organizar obras úteis a seleção do assunto.

2.2 Resultados e discussão

Pensar e falar de um educador que trabalha com alunos com deficiência surge assim a preocupação com esse profissional, se ele realmente estará consciente de seu papel enquanto educador especial e se tem condições de trabalho para realizar seus atendimentos em escolas públicas.

A função do professor especialista segundo Salles (2002, p.55) “por sua vez chegou com a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola de atender aos seus anseios, bem como verificar (...) junto aos documentos escolares”. O autor em comento leva assim a reflexão sobre como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem e da garantia do sucesso de seus alunos estando presente na orientação e

condução da família, que mostra a responsabilidade e função diante da parceria no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos em ângulo isolado e social.

O professor do Atendimento Educacional Especializado deverá estar em sintonia com a escola, equipes multidisciplinares e familiares como também pautado de leis para orientar os envolvidos no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência, neste enfoque a escola tem o poder de inserir, mas também de excluir.

Cabe ressaltar que:

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os seus sistemas educacionais e seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção de eleitos para frequentar as escolas, produzindo com isso identidades e diferenças. (ROPOLI, 2010, p. 7).

Pensando neste conceito se reflete que trabalhar com o ensino inclusivo requer do educador uma total dedicação pautada na afetividade que o integre dentro de um serviço educacional onde o envolvimento em uma luta constante contra a exclusão será de extrema necessidade.

Diante do exposto acreditasse:

[...] que as escolas necessitam de profissionais qualificados para dar apoio nas tarefas de identificação, intervenção e orientação, por meio de técnicas, procedimentos e ferramentas que requerem uma especialização de natureza psicológica e pedagógica, para que essas práticas possam ser realizada, onde um dos principais pontos em mente é a colaboração e a coordenação de todos os agentes participantes no processo e de todos os serviços de apoio externo. (PACHECO, 2007, p. 201)

Silva (2012, p. 89) nos leva a pensar que “década após década vem se discutindo e refletindo sobre a temática exclusão e inclusão e qual o papel do professor diante deste paradigma”, se fazendo necessário que educadores que atuam em salas de recursos multifuncionais unifiquem-se a equipes multidisciplinares das mais diferentes áreas e familiares.

Com base no exposto podemos constatar que:

Na escola, em especial, faz-se necessário atentar para aspectos que favorecerão, sobremaneira, muitas as ações e atitudes de todos os educadores que acreditam e buscam, a seu modo, promover a efetivação dos princípios da inclusão: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana e a aprendizagem por meio de cooperação. (SILVA, 2014, p. 11).

Notamos a grande necessidades de afetividade nos laços iniciais desenvolvidos com o professor do AEE. A primeira parceria deverá ser estabelecida com a escola, pois enfatizamos que o aluno pertence a todos os envolvidos com seu processo de inclusão, mas não isolamos o fato dessa mesma instituição precisar de apoio e orientação do professor da sala de recurso multifuncional.

A escola por sua vez cheia de dúvidas e insegurança, a família necessitando de orientação em como proceder para que auxilie no desenvolvimento desse educando com qualidade e por fim a unificação desses dois núcleos com uma equipe multidisciplinar que quanto mais cedo se iniciar um tratamento melhor será os resultados alcançados.

Diante do exposto, vejamos:

Os programas de intervenção precoce podem fazer uma diferença importante e produzir ganhos significativos. Os serviços educacionais e comunitários melhores e mais disponíveis poderão mudar o prognóstico desses crianças em longo prazo. E a cooperação entre neurologistas, psiquiatras, neurocientistas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e educadores é crucial não somente para impulsionar o entendimento, e sim para permitir um manejo mais adequado desses indivíduos durante toda a sua vida, e uma visão mais clara do ser social como um todo. (BRAGA, 2015, p.18).

O envolvimento de uma equipe colaborativa que atua em conjunto para defender a inclusão em lutas constantemente com um sistema estabelecido que paulatinamente permanecem excluindo alunos com deficiência quando impedem que os próprios deem saltos qualitativos, já que as instituições estão repletas de alunos quantitativos.

As instituições excluem quando não executam as orientações pedagógicas de um professor de SRM. Para Gomes (2010, p.45) “as aulas no contra turno são o maior avanço para inclusão quando [...] permitem que o aluno com deficiência seja encaminhado para o atendimento educacional especializado em instituições públicas no contra turno para não prejudicar a socialização”.

Quando não altera seus currículos e seu Projeto Político Pedagógico, quando não desenvolvem métodos específicos que levem o educando a uma melhor compressão dos conteúdos, quando não fazem avaliações diferenciadas e quando tentam formar turmas homogêneas, quando as instituições com alunos com deficiência não se envolvem afetivamente. A criação da SRM vem de encontro as instituições que não alteraram suas práticas quando nos diz que é função do educador que ministra o AEE deverá estar ciente do seu papel enquanto educador especial.

Convém destacar que:

Organizar situações que favoreçam o desenvolvimento do aluno com deficiência e que estimule o desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem. É também seu papel pesquisar materiais didático se jogos lúdicos, baseando-se que na dificuldade de aprendizagem de cada aluno, tendo em vista as necessidades específicas desses em sala de aula do ensino regular. Esse trabalho deve se realizar focando as atitudes do aluno diante da aprendizagem e propiciar o desenvolvimento de ferramentas intelectuais que facilitarão sua interação escolar e social. (GOMES, 2010, p. 9).

A SRM é um espaço criado e elaborado para trabalhar e descobrir no educando suas potencialidades e resgatar sua autoestima, um ensino centrado na descoberta de como ocorre sua aprendizagem. É função da SRM quebrar as barreiras da não aprendizagem, criar laços com a família que tanto precisa de orientação e movimentar o sistema educacional para criar estratégias que levem a atingir o conhecimento do aluno com deficiência, desenvolver laços afetivos e parcerias que construam em conjunto melhores estratégias para envolver esse aluno com a aprendizagem.

Nesse sentido observamos que:

Um atendimento individualizado há que se distinguir pela sua qualidade. O desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aula é uma tarefa a ser assumidas por todos que compõem um sistema educacional. Um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem professores, gestores, professores especialistas, pais, alunos e outros profissionais que compõem uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo é construída por cada uma delas, segundo a suas peculiaridades. (ROPOLE, 2010, p.34).

Ser professor do Atendimento Educacional Especializado e trabalhar com ensino inclusivo requer vocação, profissionalismo e acima de tudo emoção porque não tem como ser um docente se não se sensibilizar com o fazer pedagógico. Wallon (2010, p.74) defende que “o processo de evolução educacional depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente que o mesmo se insere”. Ele relata que o aluno nasce com um equipamento orgânico, que lhe proporcionam determinados recursos, mas é o meio que irá permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

Convém destacar que:

As emoções no meio em que o indivíduo está inserido consistem essencialmente a certo tipo de situação... O indivíduo (criança) é tocado pelo sentimento não apresentando relações instantâneas...O gostar pode ser intenso e profundo na criança ou também uma emoção silenciosa. Portanto, para se desenvolver pressupõe, autocontrole da

pessoa o (adulto) com o sentimento das reações presenciadas por ela. (WALLON *apud* GRATIOT, 2010, p.74).

Fazer um Atendimento Educacional Especializado com acompanhamento de um educador afetivo requer antes de tudo uma total sensibilidade na envoltura de sentimentos que regem o fazer pedagógico, envolvendo assim aluno, professores e acima de tudo família num prisma de aprendizagem e desenvolvimento de autonomia do aluno com deficiência.

O atendimento pedagógico na perspectiva da inclusão escolar necessita de prazer, emoção e alegria, que devem ser vistos como instrumentos indispensáveis à prática a qual se baseia.

Sob essa ótica vejamos:

Gosto de ser gente, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível (...) por que inacabado sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabado, sei que posso ir mais além dele (...) percebo que minha presença no mundo não se faz isolado (...) mesmo sabendo das barreiras difíceis sei que os obstáculos não se eternizam! (FREIRE, 1996, p. 20, 32, 39, 110).

Muitos professores de salas de aulas regulares reclamam que os alunos com deficiência não sabem se expressar com clareza, não demonstram lucidez na interpretação de um texto, ignoram os fundamentos primários da comunicação escrita ou verbal, escrevem mal e falam de forma concisa, não sabem expressar seus sentimentos, porém esses mesmos educandos não são estimulados nas aulas se fazendo necessário que os professores de SRM façam intervenções e orientem esses profissionais envolvidos com o fazer pedagógico a não observarem a deficiência e sim procurarem em seus alunos potencialidades e habilidades, pois somente o afeto levará a este feito.

De acordo com Wallon (1951, p. 71) “a emoção é a exteriorização da efetividade”, portando dependendo da qualidade de suas relações, o aluno irá progredir ou não.

Cabe afirmar que:

Jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque creia redutíveis entre si, mas porque, eles me parecem tão estreitamente complementares desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas. (WALLON, 1951, p.72).

A escola é um espaço verdadeiro e autêntico para o aluno se expressar, mas por aulas mal ministradas da qual não atinge a todos porque exclui uma minoria por não terem reflexão são transformadas, tornando o processo cansativo e desestimulador, porque o professor não está preparado e se mostra desestimulado a fazer uma educação com qualidade, tenta ainda expressar uma prática sem transformação.

Diante deste quadro de fracasso escolar para alunos com deficiência renasce a esperança que esses mesmos educadores sigam as orientações e intervenções dos professores de AEE e reflitam sobre suas práticas e o ângulo como cada um visualiza seus alunos com deficiência. E é sobre as problemáticas mais peculiares que busca uma atuação pedagógica afetiva e de qualidade.

É oportuno frisar que:

O objetivo do presente trabalho é bastante restrito. Se fazendo um recorte dentro da ampla questão da aprendizagem humana, dos aspectos que conduzem ao fracasso escolar e podem ser detectados através do diagnóstico de equipes terapêuticas. (WEISS, 2007, p.15).

A autora nos faz repensar que as terapias que acompanham nossos alunos com deficiência nos centros de educação especial identificam problemas de bloqueios de aprendizagem, fracassos escolares e baixa autoestima. Esses problemas educacionais de responsabilidade não do aluno acompanhado, mas do sistema educacional que o mesmo está inserido são reflexos fortes em sessões de terapias. Estabelecer parcerias com esses profissionais fortificará as intervenções necessárias diante de problemas educacionais citados.

Que a não aprendizagem é uma das fortes causas do fracasso escolar sabemos, mas nossa reflexão parte das falhas e entraves do processo de inclusão, quando os próprios envolvidos pedagogicamente com o processo de aprendizagem de alunos com deficiência não fazem dentro de si a reflexão de incluir em seus trabalhos o discente que já vem excluído do sistema educacional.

Diante do exposto vale destacar que:

Lembramos que existem dois tipos de condições de aprendizagem: as externas que definem o campo do estímulo e as internas que definem o sujeito. Umas e outras podem estudar em seus aspectos dinâmicos, como processos em seu aspecto estrutural como sistemas. A combinação de tais condições nos leva a uma definição operacional da aprendizagem, pois determina as variáveis de sua ocorrência (...) nos fazendo assim todos responsáveis por esse processo. (PAIN, 1995, p.25).

É de responsabilidade de todos os envolvidos no processo de aprendizagens do aluno com deficiência a generalização de ser afetivo e comprometidos com o fazer pedagógico, abrangendo assim todos os envolvidos com a inclusão.

Que esses profissionais reflitam sobre a importância dos atos pedagógicos e de qual o seu real papel enquanto professor de SRM. Pois esse alunado necessita de um olhar diferenciado e gestos de envolvimento e afetividade, não para um desenvolvimento de uma aprendizagem padrão (quantitativa), mas sim para o real desenvolvimento de suas potencialidades que não foram descobertas (qualitativa).

O presente artigo aborda o tema afetividade e relações de parcerias no Atendimento Educacional Especializado. Pois durante muito tempo se discutiu como deveria ser ministrado e organizado o ensino e complementação para alunos com deficiência. Após a elaboração das leis que regulamentavam os atendimentos chegou-se a conclusão que os educandos deveriam estar matriculados na rede regular de ensino e no contra turno receber um atendimento individualizado.

Em pesquisas realizadas por diversos órgãos públicos entre eles o MEC relatavam a insatisfação das famílias destes alunos por reclamarem da mecanização institucional oferecidas durante as aulas. E que notavam seus rendimentos em instituições e centros especializados que eram compostos por psicólogos, fonoaudiólogos, psicomotricista, entre outros, que prestavam serviço a este alunado.

Desse modo:

Apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem (BRASIL, 2007, s.n.)

O Ministério da Educação tornou lei o atendimento e delegou aos estados a organização dos mesmos de acordo com suas peculiaridades. A portaria 13/2007 serviu de base para a estruturação do serviço educacional. Mas foi através da prática que se percebeu a importância dos professores de AEE em atuarem nas intervenções com especialistas, familiares, professores da rede regular de ensino e profissionais envolvidos com o alunos com deficiência.

Sobre esse novo olhar pedagógico, convém frisar que:

Deve se levar em consideração características afetivas no momento de intervir junto ao aluno que apresenta deficiência. Porém, os profissionais envolvidos, deverá sobre tudo, mostrar-se plenamente consciente que é muito mais nos gestos e nas atitudes, nas palavras que o aluno que apresenta deficiência expressa seus sentimentos (FIGUEIREDO 2007, p.13).

Somente através das intervenções afetivas e pedagógicas se recriam um novo olhar para esses educando e suas famílias já tão penalizadas pela exclusão social de seus filhos. Wallon (1951, p.45), enfoca que "as crianças respondem às impressões que as coisas lhe causam com gestos dirigidos a elas". Então convém afirmar que o espaço educacional tem a responsabilidade de encontrar nesses alunos potencialidades e não fracasso escolar e limitações.

Sob essa ótica:

Os profissionais se comportam como se não conhecessem no aluno que apresenta deficiência um sujeito capaz de crescimento e de afirmação. Seu acompanhamento pedagógico parece respaldado por uma concepção de aluno que se apoia sobre a ideia de insuficiência ou de lacuna, mesmo de falta, no que diz respeito ao raciocínio. (FIGUEIREDO, 2007, p. 9).

Quanto mais prazeroso o espaço educacional que a mesma está inserida melhor será seu desempenho acadêmico, pois ela desenvolverá sua autonomia e segurança diante das dificuldades e limitações de sua deficiência. Somente sobre o olhar afetivo e intervenções pedagógicas que se percebe a sensibilidade de encontrar nesses alunos potencialidades e capacidade de aprender, vencendo assim seus desafios internos e externos que são inúmeros.

As intervenções dos professores de SRM e a criação de grupos profissionais colaborativos vem reforçar aos educadores envolvidos a inquietude dos mesmos a refletir e preocupa-se com a problemática de que o aluno com deficiência não deve ser limitado a uma aprendizagem mecanicista e sim encorajado a caminhar vencendo seu desafios pessoais.

Salienta-se ainda que:

O professor do atendimento educacional especializado deve propor atividades que contribuam para a aprendizagem de conceitos, além de propor situações vivenciais que possibilitem esse aluno organizar o seu pensamento. Esse atendimento deve se fundamentar em situações problema, que exijam que o aluno utilize seu raciocínio para a resolução de um determinado problema. (FIGUEIREDO, 2007, p. 18).

O professor especialista de instituições ou centros especializados deve estabelecer parcerias junto às famílias que lhe fornecerá dados sobre o desempenho do educando em casa como também suas relações estabelecidas com o ensino e aprendizagem e os grupos sociais em que o mesmo está inserido.

Também será função deste educador observar o fator de maior preocupação com as famílias de alunos portadores de deficiência, se as mesmas não estão superprotegendo esse educando o impedindo de crescer e desenvolver sua autonomia. A intervenção do professor de SRM com a família passa a ser de fundamental importância para o desempenho pessoal e acadêmico do educando, pois os laços afetivos desenvolvidos irão construir assim teias de aprendizagem e trocas de experiências tendo como suporte a unificação das intervenções das equipes multidisciplinares.

Analizando a teoria de Vygotsky (1996) quando relata que “na ausência do outro o homem não se constrói”, afirmando o quanto a qualidade de nossas relações contribui de maneira significativa, para ele o sócio-interacionismo era destacado nas relações em grupos de estudos onde se objetivava focar as habilidades e potencialidades dos alunos inseridos e da qualidade de suas relações com professores e demais componente de seu grupo social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a afetividade no Atendimento Educacional Especializado repensando a importância das relações de parcerias entre equipes multidisciplinares e familiar na educação especial é tão necessária quanto obrigatória para o aperfeiçoamento da prática docente do educador especial.

A cada dia em nosso país, cresce o número de alunos com deficiência se fazendo necessário que a comunidade escolar abra os horizontes e refaça suas práticas ampliando conhecimentos e preocupando-se com o bem estar de seus discentes

Por mais que a sociedade seja opressora, não deve ser postura pedagógica excluir já que a profissão escolhida abre janelas a uma constante reflexão sobre o facilitar a aprendizagem. Freire (2005, p. 91) destaca que “somente com a superação da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido”.

É direito dos alunos com deficiência ter Atendimento Educacional Especializado dentro das Salas de Recursos Multifuncional, mas é também de fundamental importância que os docentes desenvolvam relações de parcerias para que assim possam trocar informações com equipes multidisciplinares e familiares. Alves (2010, p. 9) nos ensina que “o AEE deve ser visto como construção e reconstrução de experiências vivenciadas sendo compreendido como uma teia de relações na qual se gera uma grande amplitude de diversos diálogos sobre olhares diferenciados que só auxiliariam na construção do educando com deficiência”.

Necessitando assim, do envolvimento de diversos profissionais que lutam e conseguem fazer de seu trabalho resultante para a construção desta aprendizagem, fortificando laços afetivos e de parcerias que objetivem o melhor acompanhamento para seus educandos.

Os professores especialistas devem lutar constantemente com fantasmas que estão dentro de si quando os mesmos apresentam insegurança para trabalhar com esse alunado, deve-se aprender com os erros e refazer-se a cada dificuldade porque é da qualidade dos pensamentos que deriva-se a qualidade de suas emoções e como ter emoção e desenvolver afetividade se o profissional não é capaz de romper seus próprios paradigmas.

Shinyashiki (2005, p.41) nos mostra que “muitas carreiras brilhantes vão desmoronando por falta de estímulos”. Como um professor de AEE irá estimular seus alunos se ele próprio não acredita em seu trabalho e no potencial de seu educando com deficiência.

Portanto deve-se posicionar sua profissão em um pedestal e aplaudi-la nos momentos adequados, orientando com amor, pesquisando com dedicação, insistindo e persistindo nesta tarefa árdua que os levam a serem mestres da vida, seres com a responsabilidade de fazer a diferença, mudar histórias e reorganizar reescritas, profissionais capazes de usar a afetividade e a força de vontade como principal ferramenta de ser missão e fazer missão na educação inclusiva com o apoio da família e equipes pedagógicas. Damiani (2009 *Apud* Bedaque, 2015, p. 41) destaque que “a prática colaborativa pode mudar radicalmente a natureza do pensamento do professor e pode promover inovações”.

Neste sentido, acreditamos que a colaboração é essencial para o trabalho educacional e multidisciplinar, pois concluímos que a inclusão sem afetividade não apresenta qualidade e que o trabalho de luta contra exclusão não se faz no isolado somente através dos grupos colaborativos e das formações de teias que ampliarão as relações profissionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Barbosa, **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: escola bilíngue na escolarização de pessoas com surdez**. Brasília. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2010.

ANTUNES, Celso. **Marinheiros e Professores**. 5ª edição Ed. Moderna, 2003.

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **Atendimento Educacional Especializado** Selma Andrade de Paula Bedaque. Mossoró, 2015.

BRAGA, Junior, Francisco Varder. **Transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação e o atendimento educacional especializado**/ Francisco Varder Braga Junior, Michelle Sales Belchior, Sarah Teles dos Santos. - Mossoró, 2015. 56 p: il.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada. **Alfabetização Diversidade e Inclusão**. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <[http portal.mec.gov.br-seesp](http://portal.mec.gov.br-seesp)>. acesso em: 27 jul. 2014

_____. **Decreto no 6.094**, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Brasília: Congresso Nacional, 2007. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm> Acesso em: 26 mai. 2017.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

FIGUEREDO, R. V. GOMES, A. L. A. **A emergência da leitura e da escrita em alunos com deficiência intelectual**. In: GOMES.A. L. Deficiência Mental. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Adriana Leite Lima Verde. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial, [Fortaleza] Universidade Federal do Ceará, 2010.

PACHECO, José .EGGERTSDÓTTIR, Rósa; MARINÓSOON, Maria Gretar. **Caminhos para a Inclusão. Um guia para aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre. Artmed, 2017.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução: Ana Maria N. Machado. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1995.

Revista Nova Escola-grandes Pensadores-Lev Vygotsky. Edição especial de nº 19. Editora Abril, 1996.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2010.

SALLES, Aponir S. **Psicopedagogia sobre uma divisão diferenciada. Hospital ou sala de aula?** Ed. SAPIENS, 2002, 3ª edição, 245 páginas.

SHINYASHIKI, Roberto. **Afetividade**. Ed. Abril 3ª edição São Paulo 2005

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões**. 1ª ed.-São Paulo: Paulinas, 2014 (Coleção Pedagogia e Educação).

SILVA, Maria Paz. **Psicopedagogia Empresarial: as possibilidades de um psicopedagogo numa empresa**. 360 páginas RJ. Ed. Exclusiva. 2012.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação**. Ed. Vozes. página 136. ano 1951 .

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica-Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Ed. Lamparina. RJ. 12ª edição. 2007.